UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

SANDRO TUBINO FERREIRA

O CUIDADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL À FAMÍLIA DO ADOLESCENTE USUÁRIO DE DROGAS PSICOATIVAS: pesquisa bibliográfica.

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

SANDRO TUBINO FERREIRA

O CUIDADO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL À FAMÍLIA DO ADOLESCENTE USUÁRIO DE DROGAS PSICOATIVAS: pesquisa bibliográfica

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Enfermeiro.

Orientador: Jacó Fernando Schneider

Porto Alegre
2010

AGRADECIMENTOS

Principalmente aos meus pais, meus pilares e meus espelhos de caráter, dignidade e ética.

A minha irmã e meu sobrinho, muita PAZ.

A Professora Adriana que soube me entender e me ajudar na medida certa, tornando mais ameno o caminhar agradeço o apoio e a amizade.

Ao Professor Jacó pela compreensão e a boa vontade durante esse período.

Aos demais Professores pelos ensinamentos e crescimento pessoal que tive.

A todos àqueles que de uma forma ou de outra colaboraram em minha caminhada.

Aos amigos de coração que fiz durante este tempo, verdadeiros irmãos e irmãs, que aprendi a amar e respeitar e que quero ter sempre em meu coração.

Aos que torceram contra, mais uma prova de que não adianta querer interromper ou atrapalhar um caminho de certeza, de luta e de verdade... Aprendam!!!

RESUMO

A utilização de substância psicoativas, tanto de forma lícita, quanto de forma ilícita, existe desde os primórdios da humanidade. Seja pelo uso recreativo ou pela busca transcendental, as drogas tomaram conta de nosso dia a dia, sendo consumidas em praticamente todos os locais, sendo presentes em meio aos adolescentes na escola ou nos grupos de amigos. Pelo fato de ser uma fase de transição e de muitas dúvidas, o contato com as drogas pode ser mal administrado pelo jovem e causar a destruição da vida, tanto do usuário, como de sua família. O processo da adicção às drogas se inicia cedo e tem as relações familiares como base principal, pois a família é o primeiro grupo social do qual o adolescente participa e em não havendo diálogo e uma dose certa de amor e limites, o risco se torna eminente. Ao passo que aumentam as campanhas e as ferramentas de tratamento aos usuários, a família do mesmo está cada vez mais desamparada, sem saber como agir e como pensar.

Para este estudo foram selecionados livros, artigos, teses, dissertações e publicações *on-line*, desde 2002 até 2010, pois foi o período de tempo que foram encontrados materiais relevantes. Foram utilizadas as bases de dados Scintific Eletronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) e Literatura Latino-americana e do caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Este estudo conclui que os Enfermeiros, dos profissionais que fazem parte da equipe multidisciplinar, são os que reúnem melhores condições de realizar uma abordagem efetiva, que possa agregar informações relevantes ao tratamento dos sujeitos. Pelo tempo de convivência e pela humanização que faz parte da alma do Enfermeiro, torna-se mais fácil adquirir informações junto aos usuários e suas famílias, tanto como paciente em uma instituição hospitalar, como usuário dos serviços básicos de saúde, tornando o tratamento mais efetivo.

Descritores: Adolescentes, drogas psicoativas, família e Enfermagem.

“Sou louco porque vivo em um mundo
que não merece minha lucidez”.
Bob Marley

DEFINIÇÕES PERTINENTES

Antes de entrar no texto propriamente dito, torna-se relevante apresentar uma lista de significados de alguns termos que poderão estar presentes no decorrer desta revisão. Baseado em Rocha (2005):

- **Drogas psicoativas:** substâncias químicas, naturais, refinadas ou sintéticas, capazes de alterar o funcionamento do sistema nervoso e o estado psíquico do indivíduo.
- **Hábito:** uso costumeiro da droga, a partir do principal efeito provocado.
- **Abuso:** é o uso excessivo de drogas, persistente ou esporádico, com prejuízo significativo.
- **Dependência:** é o estado de neuroadaptação a partir do repetido uso da droga, caracterizado por uma compulsão a repetir esse uso a fim de experimentar novamente seus efeitos, ou evitar o desconforto de sua ausência (a descontinuidade causa abstinência);
- **Tolerância:** declínio de efeito de uma droga (com a mesma dose) após seu uso repetido, após isso torna-se necessário aumentar a dose para tentar obter o efeito inicial.
- **Abstinência:** são reações fisiológicas e psicológicas adversas, quando ocorre a interrupção abrupta da droga que gerou.
- **Desintoxicação:** redução lenta e gradual da droga no organismo que produziu a dependência.

Mais algumas definições de termos encontrados em Heidemann (2006):

- **Dependência:** resultante do estado fisiológico modificado, o organismo se adapta à presença de novas substâncias e reage

diante da falta dessas substâncias. Há um desejo incontrolável de usar a substância devido aos defeitos que ela produz.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 OBJETIVOS 12
2.1 Objetivo geral 12
2.2 Objetivo específico 12
3 METODOLOGIA 13
3.1 Tipo de estudo 13
3.2 Coleta dos dados 13
3.3 Delimitação da amostra 14
3.4 Aspéctos éticos 14
4 DROGAS PSICOATIVAS 15
5 ADOLESCENTE 18
6 A FAMÍLIA 20
7 A ENFERMAGEM COMO AGENTE 22
8 CONCLUSÃO 24
REFERÊNCIAS 26

1 INTRODUÇÃO

Durante a realização de estágios em internação psiquiátrica de um hospital geral e em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), da realização de monitoria na área de saúde mental e de estágio em uma unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF), percebi a existência de um sofrimento significativo das famílias dos usuários de drogas psicoativas que mantinham tratamento nesses serviços. A atenção, normalmente, é voltada somente para o usuário, deixando a família em um plano secundário.

A família do adolescente usuário de drogas psicoativas é constantemente exposta a julgamentos morais, sendo, na maioria das vezes, acusada pelo início do uso de drogas pelo adolescente. Paradoxalmente à culpabilidade, há pessoas que se sensibilizam com o problema vivido pelas famílias e se penalizam, a ponto de eximir os familiares. Nesta situação há uma relação de causa e efeito, fato que tende a trazer um sofrimento ainda maior aos envolvidos, pois enquanto uma pessoa os julga e incrimina a família, outra tenta ajudar de alguma forma e acaba minimizando as culpas existentes, que deveriam ser trabalhadas.

O preconceito faz sofrer a família do usuário, sem vislumbrar a importância que exerce no contexto do tratamento e na continuidade do mesmo. Frequentemente não há uma orientação efetiva nem existe capacitação e preparo dos profissionais de saúde, que possibilite aos familiares do dependente químico apropriar-se de informações básicas as quais poderiam contribuir para um melhor prognóstico do tratamento, que engloba desde aspectos inerentes aos seus conceitos de relação em família, o saber reavaliar sua relação direta com o adolescente, até informações mais específicas sobre a dependência da substância psicoativa.

Durante as experiências vivenciadas nos estágios da graduação, principalmente com adolescentes usuários de drogas psicoativas, presenciei o sofrimento das famílias destes pacientes. Ficando relegado a mero expectador, o familiar sente-se perdido e desamparado, o que o torna impotente em relação à situação do seu ente, apesar de ser ele, o familiar, merecedor de uma atenção

especial, afinal é quem vai receber o adolescente em seu retorno ao domicílio e deveria saber como agir para que o tratamento seja realmente efetivo.

É revoltante e uma realidade a ser mudada o fato de ainda, nos dias de hoje, haver profissionais que façam um julgamento moral da sociedade em relação às famílias de usuários de drogas. O simples fato de julgar moralmente exime de responsabilidades, pois é muito mais fácil destruir ou colaborar para que a destruição ocorra, do que ajudar a construir, realizando uma capacitação da família, para que a mesma seja parte integrante do tratamento do dependente químico.

Devido às experiências vividas, resolvi reportar-me à literatura e conhecer o que há de produção científica em relação ao atendimento às famílias dos adolescentes usuários de drogas psicoativas e a influência da estruturação familiar no fenômeno em questão. Surpreendentemente, verifiquei que há pouca produção nesta área justificando um maior aprofundamento no estudo, tendo como finalidade repensar a rede de apoio aos adolescentes usuários de drogas psicoativas.

Os problemas de vinculação familiar advêm, em sua maioria, daqueles lares onde faltam habilidades para a criação dos filhos, reduzindo as chances de transmissão efetiva de normas sociais saudáveis (SCHENKER; MINAYO, 2003). Faz-se necessário pensar a respeito da família do dependente químico e do papel fundamental que esta exerce no processo de recuperação da dependência e na manutenção desta recuperação (MATOS, PINTO; JORGE, 2008).

Segundo Schenker e Minayo (2003), a família aparece, em estudos, como co-autora tanto do surgimento do abuso de drogas quanto como instituição protetora para a saúde de seus membros. Por este motivo, interessei-me em procurar produções bibliográficas que abrangessem o tema da saúde das famílias dos adolescentes usuários de drogas psicoativas e notei que, na maioria das vezes, é dada atenção ao usuário esquecendo-se do cuidado à família do mesmo, que é parte integrante tanto na prevenção do início do uso das drogas como, posteriormente, no tratamento e recuperação do usuário.

É importante também refletir sobre a competência da enfermagem como uma ação prática que dá suporte à vida humana (RIBEIRO, 2004) e promove a saúde. O Enfermeiro tem como essência fundamental o papel de cuidador e o sofrimento revelado por essas famílias não pode ser considerado um fato normal. O profissional em questão tem que estar atento ao cuidado como um todo, dando atenção, inclusive, aos familiares que “adoecem” juntamente com o adolescente.

A partir deste estudo, surgiu a curiosidade de conhecer o cuidado em saúde mental prestada às famílias dos adolescentes usuários de drogas psicoativas e quais os possíveis papeis do Enfermeiro que podem auxiliar no tratamento dos familiares dos pacientes que recebem assistência.

2 OBJETIVOS

Neste item serão descritos os objetivos a serem alcançados por nesta revisão.

2.1 Objetivo Geral

Conhecer as produções científicas que versem sobre o cuidado em saúde mental às famílias dos adolescentes usuários de drogas psicoativas e a participação do profissional Enfermeiro neste cuidado.

2.2 Objetivo Específico

Identificar a importância do cuidado de Enfermagem em saúde mental junto à família do adolescente usuário de drogas psicoativas e as possibilidades de atuação do Enfermeiro neste campo.

3 METODOLOGIA

Neste item serão descritos os métodos que foram seguidos na realização desta revisão.

3.1 Tipo de estudo

A questão principal deste estudo consistiu na realização uma revisão bibliográfica e conhecer o cuidado de Enfermagem em saúde mental prestada a família do adolescente usuário de drogas psicoativas.

A presente revisão será desenvolvida por meio de material contido em livros, artigos, teses, monografias e publicações *on-line*.

Segundo Gil (2002), a vantagem deste tipo de pesquisa é proporcionar ao investigador uma visão mais ampla acerca da questão estudada. O desenvolvimento da pesquisa bibliográfica é realizado em etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.

3.2 Coleta dos dados

A coleta foi definida por meio de levantamento bibliográfico realizado em livros e periódicos nacionais publicados nos últimos 9 anos, de 2002 à 2010, pois foi neste período de tempo em que foram encontrados os materiais mais relevantes ao estudo.

Foram utilizadas as bases de dados Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) e Literatura Latino-americana e do caribe em Ciências da Saúde (LILACS), com os seguintes palavras-chave: adolescentes, drogas psicoativas, família e Enfermagem.

Foram encontrados inicialmente 12 livros, 11 artigos, 8 publicações *on-line*, 2 tese e 1 monografia e posteriormente selecionados 7 livros, 4 artigos, 6 publicações *on-line* , 1 tese e 1 monografia.

3.3 Delimitação da amostra

Inicialmente, as ideias centrais das publicações foram identificadas e agrupadas, analisando-se e interpretando-se o que estas publicações afirmaram, relacionando-as com os questionamentos do estudo: investigar as produções científicas sobre o cuidado de Enfermagem em saúde mental à família do adolescente usuário de drogas psicoativas.

O critério de inclusão foi a presença, no conteúdo do material, de textos que venham ao encontro do assunto da pesquisa que é o cuidado de Enfermagem em saúde mental à família do adolescente usuário de drogas psicoativas.

O critério adotado para exclusão foi a leitura seletiva dos resumos, para a eliminação das publicações que não abordam assuntos referentes às temáticas propostas para esta pesquisa.

Frente a isso, foi criado um banco de resumos composto por resumos de artigos que abordam a temática do cuidado de Enfermagem em saúde mental à família do adolescente usuário de drogas psicoativas.

3.4 Aspectos éticos

Os procedimentos e exigências éticas de pesquisa serão respeitados, na medida em que os autores consultados serão referenciados no texto, juntamente com o ano de publicação da obra, conforme normas da ABNT.

4 DROGAS PSICOATIVAS

O consumo de substâncias psicoativas existe desde os primórdios da história do homem, em praticamente todas as culturas conhecidas. Curiosidade, desejo de transcendência, busca da imortalidade, do prazer, da sabedoria, são alguns dos motivos sempre citados e associados ao desejo por alguma droga (DÉA et al., 2004). Com raras exceções, o uso de tais substâncias tem sido regulado por normas sociais ou práticas onde se manifestam os valores que permeiam à cultura presente, entre eles a manutenção da coesão social e o bem-estar físico e psíquico (NERY FILHO; TORRES, 2002).

Nos fatores ambientais, encontramos os hábitos familiares, a cultura da sociedade estimulando ou restringindo o consumo, os rituais e costumes da comunidade, a oferta da droga, informação, propaganda e outras diversas influências no desenvolvimento das relações do indivíduo com a droga (BLEFARI, 2002).

As drogas lícitas têm um lugar de destaque na mídia e estão presentes no dia a dia através de comerciais altamente lucrativos, tornando o produto em algo aceitável. Hoje, as drogas citadas acima, estão dentro de nossas casas e são aceitas, sendo ingeridas, inclusive, em festa de crianças. Um drinque após o trabalho para relaxar ou um jantar regado a vinho não constituem problemas para não para a maioria das pessoas, sendo que algumas, porém, não conseguem permanecer no uso, passando ao abuso.

Hoje, segundo Rocha (2005), as drogas estão presentes em quase todo o mundo e atingem todas as classes socioeconômicas, culturais e intelectuais, sendo o álcool e tabaco e os benzodiazepínicos as substâncias mais usadas na maior parte do mundo. Na época em que vivemos, as pessoas usam e abusam das drogas em busca de prazer ou de alívio do sofrimento, usam medicamento para dormir e para se manterem acordadas, para aliviar o estresse ou para se estimular, usam pílulas para aumentar ou diminuir o apetite, assim como usam pílulas para evitar gravidez. Ainda, segundo a autora, a classificação de uma

droga como lícita – legalmente permitida, vendidas em bares e farmácias – ou ilícita – legalmente proibidas, sendo seu uso passível de punição – é uma questão que não depende do uso da droga em si, mas de vários outros fatores sociais e econômicos. Assim, o que é permitido numa cultura, pode ser proibido em outra, como é o caso da bebida alcoólica que é permitida e tem seu consumo incentivado nos países ocidentais, é proibida em países de religião muçulmana.

Outro exemplo de droga lícita que é aceitável socialmente são os comprimidos que normalmente são mantidos por qualquer família nas famosas "farmacinhas caseiras". Fazem parte desta lista, comumente, desde os comprimidos analgésicos comuns como o Ácido Acetil Salicílico (AAS) ou o Paracetamol, que não são psicoativos, até o famoso Diazepan, que é uma famosa droga psicoativa. O contato do adolescente é constante com essas drogas que são exaltadas por seu poder de cura, mas que podem causar dependência se usadas de forma inadequada. O fato de estas medicações estarem disponíveis faz com que o adolescente acredite que é "normal" o seu consumo e acabe ingerindo o mesmo.

Devemos levar em consideração que os exemplos de drogas como o Diazepan citado acima, mesmo tendo o seu consumo legalmente reconhecido na maioria das culturas, é substancialmente causador de dependência, igualando-see às drogas ilícitas (MINAS GERAIS,2009). A diferenciação não se dá pela liberação ou não da justiça, nem pelo poder de cada droga, também pela relação que será estabelecida pelo adolescente com a mesma. Sendo assim, o que varia é a motivação para o uso, sendo essa fundamental.

Nas últimas décadas, houve um aumento na escala de produção dessas drogas. Passou-se do uso recreativo à produção em grande escala e a comercialização lícita e ilícita. A ascensão do uso e abuso de drogas psicoativas, principalmente as ilícitas, forçou as autoridades à tomada de providências, que visam controlar o seu mecanismo perpassando não somente pela punição aos infratores envolvidos com a produção de matéria prima e comércio, mas também pelo conhecimento e aprofundamento na realidade das drogas. Conhecer os efeitos e meios de produção das substâncias auxilia no combate às drogas, como

formulação de leis que inibam tanto a produção como o comércio, objetivando a diminuição do consumo.

5 ADOLESCENTE

Segundo Justino (2007) a adolescência corresponde a um período longo do desenvolvimento humano, que se estende dos 10 aos 20 anos de idade e caracteriza-se por grandes transformações físicas e psicológicas. É uma fase em que se destaca em um primeiro momento, a necessidade de o indivíduo perceber e habituar-se às modificações do próprio corpo, a separar-se dos pais ou adultos que os tutelam e deixar a infância.

São nítidas as transformações comportamentais, tais como a preocupação com a imagem e a necessidade de uma conduta estereotipada que vai identificá-lo com um determinado grupo em busca de afirmação social. Inicia-se uma preocupação sexual, emergem idéias, valores e comportamentos, que irão cristalizar-se, mais tarde, na vida adulta. Trata-se de um processo de maturação e diferenciação do indivíduo influenciado diretamente por impulsos e estímulos externos, necessários para as mudanças corporais e para os processos emocionais e sociais.

A adolescência é um período marcado por muitas mudanças, sendo a fase de maior vulnerabilidade da vida, onde os conflitos de naturezas diversas afloram em um momento emocional de extrema sensibilidade.

Essas mudanças e transformações podem ser influenciadas de forma saudável ou negativa, por determinadas situações de risco como, por exemplo, as drogas. Em relação ao uso de drogas, a adolescência constitui um período crucial no ciclo vital, seja como mera experimentação, seja como consumo ocasional, indevido ou abusivo (SCHENKER; MINAYO, 2005). Nessa fase, o indivíduo passa por bruscas mudanças biológicas e psíquicas, sendo a etapa mais vulnerável de todo o desenvolvimento humano (MATOS; PINTO; JORGE, 2008).

O início do uso e o posterior abuso e dependência, fazem parte de um processo que tem início na infância e é influenciado pela forma com que a inserção social ocorrerá. A família, nesse contexto, pode ser considerada o

primeiro grupo social do indivíduo e influenciadora na forma com que o mesmo entenderá as mudanças posteriores.

O jovem precisa encontrar um ambiente familiar capaz de suportar as crises que vivencia, onde este não seja propício às resistências excessivas às suas proporções e impulsos ainda desordenados. Alguns pais temem em colocar limites aos filhos para evitar uma situação de conflito e também por ser um modo mais cômodo de lidar com o adolescer dos filhos, permitindo a liberdade nas ações, sendo elas positivas ou negativas.

Convocado a responder na condição de responsável por seus atos, o adolescente entra em crise devido à dificuldade de se situar a partir desse novo lugar, ou seja, a adolescência é o momento psíquico no qual o jovem busca construir essa nova posição subjetiva (SCHENKER; MINAYO, 2005). A maneira como jovens e pais relacionam-se reflete no comportamento cotidiano e na vida de ambos. A proximidade ou distância, o diálogo, a presença ou ausência dos pais, a proibição ou a permissividade são fatores que influenciam os jovens na definição de sua escala de valores e formas de inserção social (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005).

O consumo de drogas, principalmente entre adolescentes, é capaz de gerar alterações na saúde do indivíduo, na dinâmica familiar e na sociedade em que está inserido. Isso ocorre devido à incerteza sobre o tipo de relação que se estabelece entre o adolescente e a substância utilizada e, não existindo um padrão único de usuário/dependente, também não existe um tipo único de assistência (SPRICIGO, 2004).

Evidencia-se a necessidade de discutir métodos de tratamento e principalmente de abordagem que garantam uma espécie de retaguarda ao tipo de assistência prestada ao adolescente e a sua família permitindo a contextualização e a problematização acerca do tema para todos os envolvidos, a fim de implementar medidas que possam auxiliar no enfrentamento de adversidades bem como na potencialização de fatores protetores e redutores de riscos relacionados ao consumo da droga.

6 A FAMÍLIA

A Constituição Federal considera a família como união estável entre homem e mulher, bem como a convivência do grupo formado por um de seus pais ou seus descendentes, como unidade familiar (BRASIL, 2010).

No decorrer de algumas décadas, as famílias vêm sofrendo transformações estruturais que mexem com as relações internas das mesmas. A ascensão feminina, a mudança de padrões, formação familiar baseada em afeto entre seus membros, a legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo, por exemplo, são mudanças consideráveis no conservadorismo social. Apesar de, normalmente ter melhorado no aspecto de afeto e carinho entre os mesmos, o senso comum do errado ainda impera e faz com que o adolescente, que vive uma realidade assim, sofra com o preconceito existente na sociedade.

É muito difícil dar uma definição de família, uma vez que são diversas as suas formas e agrupamento das mesmas. Os elos que a conceituam são multifatoriais. Mas para esta pesquisa bibliográfica, o importante é compreender a importância da família, seja qual for à formação da mesma, na vida do adolescente e a presença dos familiares no início do consumo de drogas até o tratamento em busca da abstinência da substância psicoativa em uso.

Para esta pesquisa, o importante é saber que a família tem influência em todas as etapas da vida do adolescente, principalmente por ser o primeiro grupo social de relação profunda do mesmo, onde os erros, acertos, falhas, frustrações são evidenciados (HEIDEMANN, 2006).

A dificuldade de impor limites, por parte dos pais, pode ter surgido em função de problemas com seus pais. Por talvez, terem vivido uma adolescência reprimida, buscam evitar que os filhos passem pela mesma experiência, o que, porém, acaba causando problemas futuros.

A família necessita discutir seus conceitos, melhorar a qualidade das relações interpessoais para criar uma real estrutura de suporte ao paciente que

auxilie em sua reabilitação. Faz-se necessário que a família tenha conhecimento do seu papel no processo de recuperação do paciente e mesmo sua abstinência.

As experiências clínicas levam a crer que a família é uma aliada na busca da solução do problema com o adolescente, sendo ela capaz de, através dos laços familiares, basicamente constituídos, modificara realidade vivida. Não deve ser encarada como um fator complicador, mas sim como colaboradora. Mas a atitude de pedir ajuda profissional demanda muita coragem por parte dos familiares, pois o uso de drogas por ser mal visto socialmente, pode denegrir a imagem tanto do indivíduo quanto da família. A droga, devido a criminalização, pode transformar o pedido de ajuda da família em uma denúncia criminal contra o adolescente.

7 A ENFERMAGEM COMO AGENTE

A Enfermagem é uma profissão comprometida com a saúde e qualidade de vida da pessoa, família e coletividade. O Enfermeiro atua na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, com autonomia e em consonância com os preceitos éticos e legais. Participa, como integrante da equipe de saúde, das ações que visem satisfazer as necessidades de saúde da população e que garantam a universalidade, integralidade da assistência, resolutividade dos serviços de saúde (COREN, 2007).

O profissional de Enfermagem exerce suas atividades com competência para a promoção do ser humano na sua integralidade, de acordo com os princípios da ética e da bioética (COREN, 2007).

A essência da Enfermagem, enquanto profissão, é a humanização e o cuidado, geralmente em instituições de saúde. O profissional desta área tem um envolvimento maior com o paciente, em relação aos outros profissionais da equipe multiprofissional. Este envolvimento se dá pelo fato do Enfermeiro estar presente durante as vinte e quatro horas do dia ao lado do paciente, devido aos plantões e as tarefas diárias da profissão. Por este fato, a formação de vínculo com o paciente se torna mais facilitada. Segundo Spricigo (2004), o Enfermeiro é um profissional que, ao longo da sua trajetória, caracterizou-se por estar diuturnamente ao lado do paciente, tendo construído uma larga experiência no campo dos relacionamentos interpessoais.

Segundo Rosenstock e Neves (2010), dentre os profissionais da área da saúde, os Enfermeiros são os que mantêm contato maior com os usuários do serviço de saúde, tendo grande potencial para reconhecer os problemas relacionados ao uso de drogas e desenvolver ações assistenciais.

Em relação ao adolescente usuário de drogas psicoativas, o trabalho do Enfermeiro é de suma importância, pois é um tipo de paciente cuja obtenção de informações é muito dificultada. Existe, por parte do adolescente, uma resistência em ceder espaço aos profissionais relatando fatos sobre sua vida, que viriam a colaborar com o tratamento. Tais fatos que somente serão descobertos se houver

um vínculo com o profissional, criando um clima de confiança e empatia capaz de fazer com que o adolescente ceda e informe detalhes importantes sobre sua vida.

Os profissionais de enfermagem compreendem consideráveis contatos com indivíduos com problemas de alto risco de saúde em consequência do uso de substâncias psicoativas, se estes assumem a função de assistência específica a essa população, podem proporcionar cuidados efetivos, prevenindo assim o agravamento dos problemas (ROSENSTOCK; NEVES, 2010).

A Enfermagem é uma profissão que contempla conhecimentos científicos e técnicos, construído e reproduzido por um conjunto de práticas sociais, éticas e políticas que se dá pelo ensino, pesquisa e assistência. Realiza-se na prestação de serviços à pessoa, família e coletividade, no seu contexto e circunstâncias de vida (COREN, 2007).

A perspectiva que o tema drogas faça parte das preocupações da enfermagem requer que a capacitação de seus profissionais agregue conhecimentos para além do paradigma clínico biomédico e inclua saberes dos campos das ciências sociais (SPRICIGO, 2004). Temos que considerar que o profissional de Enfermagem constitui recurso humano imprescindível na drogadição, inclusive pela função que desempenha no processo de comunicação com diferentes grupos da comunidade, entre eles os adolescentes (CARRARO; RASSOL, LUIS 2005).

A área da saúde muito tem a fazer em relação ao fenômeno das drogas e a promoção da saúde e entendemos que o profissional da enfermagem tem um papel significativo no desenvolvimento de ações de promoção de saúde, principalmente no que concerne a educação em saúde (GELBCKE; PADILHA, 2004).

8 CONCLUSÃO

A dependência química pode ser encarada tanto como uma doença propriamente dita, quanto um sintoma de um sistema familiar. Nas relações que se estabelecem entre o dependente químico e os outros membros de sua família, vai-se construindo uma relação que, muitas vezes, perpetua os padrões que ajudam a manter a dependência. É indispensável, no tratamento da dependência, abordar os vínculos familiares para que se possa encontrar melhores alternativas de relacionamento, com o intuito de promover uma progressiva mudança nos padrões de interação que mantém o uso de drogas.

Pela carência de meios e recursos de sobrevivência e até mesmo pela presença e a abundância destes, crises e sofrimentos, continuam a acontecer, independente das classes sociais das pessoas e dos grupos. Deve-se agregar os valores necessários que, muitas vezes, estão ao alcance de nossas mãos e não queremos ou não podemos alcançá-los pela imensa falta de iniciativa. Sendo então cometidos erros, crimes de proporções descabidas e que poderiam tranquilamente ser evitados por meio de uma simples orientação familiar ou mesmo de uma educação ou preparação séria das pessoas neste sentido.

Muitos fatores de diversas etiologias contribuem para o desenvolvimento da dependência química, no entanto, a organização familiar mantém uma posição de destaque no desenvolvimento e prognóstico no uso de drogas psicoativas. Neste sentido, a abordagem familiar deve ser considerada como parte integrante do tratamento, daí a necessidade de se especificar o tipo de abordagem que dependerá tanto das necessidades como das capacidades da família e habilidades dos profissionais, sendo crucial para isso, a criação do vínculo para o conhecimento das características de cada família a ser tratada.

O vácuo criado entre o atendimento ao usuário de drogas psicoativas e o cuidado à família dos mesmos, abre um vasto campo de atuação, onde o Enfermeiro é um dos profissionais que tem potencial para ocupá-lo.

Nos serviços diários da equipe de enfermagem é criado um vínculo muito útil e importante com os pacientes. Este fato, unido ao inquestionável trabalho de humanização que o Enfermeiro pratica em sua relação com o usuário dos serviços, capacita este profissional a ser o elo que liga o paciente tratado em uma instituição e sua família que aguarda ansiosa por orientações que lhe ajudem a enfrentar as dificuldades causadas pela droga.

Com a realização desta pesquisa, constatou-se que há necessidade de mais atenção e oportunização para que os sujeitos (adolescente e familiares) sejam ouvidos. O Enfermeiro é um profissional qualificado para esta abordagem e posterior elaboração das informações fornecidas pelos sujeitos, transformando em dados que vão auxiliar no tratamento. Exemplo disto é a abordagem de tal temática em qualquer instituição/serviço de saúde, não necessariamente especializada, mas que ainda pode estar apenas fornecendo orientações tradicionais e corriqueiras, sem a devida efetividade.

Esta atuação do Enfermeiro pode ser incluída nas atividades da rede básica, assim como em instituições hospitalares. Através da formação de grupos de familiares, de entrevistas com as famílias, da criação de vínculos, de visitas domiciliares, entre outras ferramentas, os profissionais têm condições de prestar um atendimento qualificado, através de uma escuta eficiente e de capacitações que venham ao encontro do bom convívio das famílias e seus adolescentes usuários de drogas.

O presente estudo serve para que façamos uma reflexão sobre a importância da família no início do uso de drogas pelo familiar adolescente e de seu envolvimento crucial no processo de mudança de hábitos em busca da abstinência. Também temos a certeza da importância do profissional de Enfermagem no tratamento do usuário de drogas psicoativas, juntamente com a criação de serviços que nos dias de hoje, dependem muito mais da vontade pessoal de pessoas bem intencionadas, do que de instituições responsáveis legalmente pela saúde.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. **Drogas nas Escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, 2005. Cap. 1. 143 p.

BLEFARI, Anete de Lourdes. **A Família e a Drogadicção.** 2002. 15 f. Monografia (Pós-graduação) - Curso de Medicina, Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2002. Cap. 1.

BRASIL. Governo Federal. Governo Federal (Org.). **Constituição Federal - 1998.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 08 ago. 2010.

CARRARO, Telma Elisa; RASSOL, Goolan Hussein; LUIS, Margarita Antonia Villar. A Formação do enfermeiro e o Fenômeno das drogas no Sul do Brasil: Atitudes e Crenças dos Estudantes de Enfermagem Sobre o Cuidado.. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, n. , p.863-871, 30 set. 2005. Bimestral.

COREN (Rio Grande do Sul). Governo Federal. **Código de Ética do Profissionais de Enfermagem - CEPE.** Disponível em: <http://www.portalcoren-rs.gov.br/web/noticias_det.php?id=359>. Acesso em: 01 mar. 2007.

DÉA, Hilda Regina Ferreira Dalla et al. **A inserção do psicólogo no trabalho de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n1/v24n1a12.pdf >. Acesso em: 10 jan. 2010.

GELBCKE, Francine Lima; PADILHA, Maria Coelho Itayra Souza. O Fenômeno das Drogas no Contexto da Promoção da saúde. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.272-279, 05 fev. 2004. Trimestral.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

HEIDEMANN, Miriam. **Adolescência e Saúde Uma Visão Preventiva:** Para profissionais de saúde e educação. São Paulo: Vozes, 2006. 148 p.

JUSTINO, Nathália. **Uso de drogas na adolescencia e familia.** 2007. 30 f. Tcc (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade Salesiana de Vitória/es, Vitória, 2007. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos3/drogas-adolescencia-familia/drogas-adolescencia-familia2.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2010.

MATOS, Maria Teresa Soares; PINTO, Francisco José Maia; JORGE, Maria

Salete Bessa. GRUPO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR EM DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA AVALIAÇÃO SOB A PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES PARTICIPANTES. **Revista Baiana De Saúde Pública**, Salvador, v. 1, n. 32, p.58-71, jan. 2008. Semestral. Editora: ABEC.

MINAS GERAIS. Viva Legal/tv Futura. Universidade Federal de Minas Gerais (Org.). **DROGA: a melhor viagem é não depender de nada.** Disponível em: <http://www.futura.org.br/main.asp?Team=%7BEF2C4488-B30C-4F3B-954E-C8D094A198AC%7D>. Acesso em: 05 jul. 2009.

NERY FILHO, Antônio; TORRES, Inês Maria Antunes Paes. Cetad/ufba - Cptt/pmv-es (Org.) BAHIA. **Drogas: Isso lhe interessa? Confira aqui.** Salvador: Zax Propaganda, 2002. 54 p.

ROCHA, Ruth Mylius. **Enfermagem em Saúde Mental.** 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005. 192 p.

ROSENSTOCK, Zaltemberg Vasconcelos; NEVES, Maria José Das. Papel do Enferme de Saúde na Abordagem ao Dependente de Drogas emJoão Pessoa, PB, Brasil. **Reben - Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, n. , p.581-586, 09 jul. 2010. Bimestral.

RIBEIRO, Eduardo Mendes. Uso de Drogas e Adolescência. In: COSTA, Ana et al. **Uso de drogas e adolescência.** Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 4, p. 65-71.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a22v08n1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2010. Rio de Janeiro: Abrasco, 2003.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14131232005027>. Acesso em: 10 jan. 2010. Rio de Janeiro: Abrasco, 2005.

SPRICIGO, Jonas Salomão et al. ATENÇÃO AO USUÁRIO DE DROGAS: Um espaço para o Enfermeiro296. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.296-302, 05 abr. 2004. Trimestral.